

ENTREVISTA:

◊ pensamento semiótico

com **Irene Machado (USP)**

Por: PESSOA, Sue Anne Guimarães Cursino

Resumo:

Neste diálogo Irene Machado, pesquisadora brasileira da Universidade de São Paulo (USP), conceitua semiótica, tece críticas e mostra direcionamentos para a pesquisa na Amazônia.

Abstract:

In this dialogue Irene Machado, Brazilian researcher at the University of São Paulo (USP), conceptualizes semiotics, research and dissemination for research in the Amazon.

Palavras-chave/ Key-words:

Semiótica; Amazônia; Pesquisa.
Semiotics; Amazônia; Search.

Introdução

Construir relações entre o “eu” e o “outro” é o que o ser humano faz desde suas origens. Traduzimos sinais e transformamos não-informação em informação. Criamos significados sobre os signos, acumulando-os, transformando-os e manifestando com eles um “*continuum* semiótico” no cotidiano.

Todavia, o aparecimento de uma ciência dos signos é considerado recente, e longe de apresentar aqui um entendimento completo da semiótica, podemos dizer que ela atrai pesquisadores para seus diversos ramos, a saber: a semiótica de Peirce, a perspectiva de Jakobson, as ideias de Roland Barthes, a semiótica narrativa de Greimas, o projeto behaviorista da semiótica com Charles Morris, a Semiótica da Cultura em I. Lótman, as influências das

formulações de Mikhail Bakhtin, entre outros.

Trata-se de amplo campo, no qual a comunicação é fator preponderante para toda a humanidade.

Por meio deste fenômeno, seja verbal ou não-verbal, pode existir a interação social e a produção da cultura, entendida aqui sob à luz da Escola de Tártu-Moscú como a “memória não-genética”, sendo assim um conjunto de manifestações produzidas e transmitidas como realização possível a partir da compreensão da linguagem que permite a (re)produção dos significados no dia a dia em sociedade.

Por isso existe a intenção de descrever o mundo das representações para além da língua, considerando as diversas formas de produções e indo além da codificação para as diferentes naturezas.

A partir das relações sociais que transformam a história do ser humano, nessa dinâmica, também mudam as formas de comunicação e os modos de compreender o mundo, gerando necessidade do entendimento que o ser humano está conectado aos sistemas de signos de diferentes complexidades.

Neste desafio de unir partes aparentemente antagônicas, também se fomentam reflexões sobre as possíveis dimensões de sistemas do pensamento semiótico, em especial quando este exercício é realizado na Amazônia.

Sobre Irene de Araújo Machado

O Currículo Lattes de Irene Machado é extenso. Em síntese somos informados de que Irene é Livre Docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo desde 2011.

Em 1985 cursou Mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

Desde 1993 é Doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, onde se tornou Bacharel em Letras em 1977.

Atualmente Irene é Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Como Pesquisadora do CNPq (PQ-1D) ela desenvolve a pesquisa: "Tradução Intersemiótica no/do Espaço Cinemático da Cultura" (2017-2020).

Em parceria com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) fez parte do projeto "Pesquisa e Desenvolvimento para a construção do pensamento diagramático das linguagens da comunicação na cultura", nos anos de 2015 a 2017.

O projeto é desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Mediação (Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM (PPGCCOM/UFAM), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e sob a coordenação da Professora Doutora Mirna Feitoza Pereira, da UFAM.



Irene Machado esteve em Manaus em 2016 para participar do Seminário de Pesquisa Avançada na UFAM.

O foco da pesquisa sobre o pensamento diagramático são os processos comunicacionais que, com o desenvolvimento dos meios técnicos produtores de linguagens, exploram correlações que desafiam a lógica do pensamento e da linguagem fundados na linearidade dedutiva.

Foi no embalo do Seminário de Pesquisa Avançada que foi realizada esta entrevista no dia 06 de abril de 2016, apreciando a beleza natural do campus da UFAM em Manaus, entre árvores, em uma bela manhã de sol e com intensa atenção de Irene Machado.

Entrevistador x: Como é que a senhora poderia nos dizer, de uma forma geral, bem simples: o que é semiótica?

Irene Machado: Bom, é. O que eu poderia dizer, de uma forma bem elementar a respeito do que é a semiótica, é claro, eu não poderia deixar de dizer é que a semiótica é o estudo dos signos. Mas é curioso, porque quando nós falamos do estudo do signo, parece que o signo é uma entidade. É uma entidade que tem lá uma formação ou uma constituição, definida por alguém, né? e com a qual nós entramos em contato, que está completamente alheia as nossas atividades. Então está num determinado lugar e esse lugar em se tratando de semiótica, né, então está em determinado lugar que é distante do universo das pessoas. Por que, o que as pessoas ouvem falar de signo? Signo do ponto de vista do zodíaco, por exemplo, que é talvez o mais comum.

Então, mas o que é o zodíaco? Também é algo inalcançável pra muitas pessoas, né? E tem uma tradição toda lá,

vinculada, por exemplo, ao estudo de ocultismo, de astrologia, né? E não é bem por esse caminho que a semiótica se define do ponto de vista de uma conceituação.

Eu acho que você mesma lembrou muito bem, numa das suas intervenções em sala de aula, que a semiótica ou o estudo do signo, desde a antiguidade,

historicamente

considerando, então, é o estudo do signo, mas o signo como algo que surge, um sinal, que merece ser estudado. E o sinal para o homem é um sintoma, por exemplo. Não é a toa que semiótica,

conceitualmente, como disciplina, ela foi estudada como uma disciplina médica. Então, eu resgatar essa ponte. Eu acho que é algo extremamente salutar, e que as pessoas se esquecem de resgatar contemporaneamente, porque ela nos situa com relação a uma das vertentes mais primárias do conceito de signo, que é o signo não somente do ponto de vista do sintoma, mas também o sintoma como uma criação ou produção. No caso de sintoma como doença ou o sintoma como alguma manifestação do corpo, do sistema biológico, né.

Agora no caso do sintoma do ponto de vista das relações sócio- culturais históricas, um sintoma significa as nossas criações, as nossas produções. Aquilo que na Semiótica da Cultura nós chamamos de sistemas de signos. Então os sistemas de signos são esses sintomas da cultura. E quando nós paramos para estudar esses sintomas nós encontramos o quê? Nós

“

Em primeiro lugar, o estudo da semiótica ainda é muito teórico. E isso é o que mais, por incrível que pareça, é o que mais distancia as pessoas do estudo de semiótica e ao mesmo tempo é o que mais apaixona aqueles que querem estudar semiótica.

”

encontramos linguagem, né! porque o homem se define basicamente pela linguagem do ponto de vista da sua constituição enquanto um ser social, enquanto um ser relacional, enquanto um ser interativo. Ele se constitui enquanto linguagem, porque ele constrói a linguagem pra poder entender, construir significados.

Ora, significados (Irene fala essa palavra como se quisesse destacar cada sílaba para chamar atenção para sua raiz) tem haver com signos. Então, a gente indo por vários caminhos diferentes, indo e voltando, a gente encontra o signo. E quando nós estudamos, eu dizia, que quando nós estudamos a cultura, nós encontramos linguagem, e quando nós estudamos linguagem, nós encontramos códigos. Então os códigos, vamos dizer assim, eles são essas articulações fundamentais do signo. Por isso que na semiótica, sobretudo na Semiótica da Cultura, nós nos dedicamos muito ao estudo dos códigos, ou seja, quais são aquelas articulações fundamentais a partir dos quais os signos existem, eles se distinguem e eles são geradores de processos culturais. Então eu diria mais ou menos por esse caminho a definição da semiótica.

x.x.: Quando a senhora deu o exemplo da mandioca, porque como em todo lugar, a civilização precisa se explicar, ela precisa explicar sua história de alguma forma, e aqui a gente tem uma relação muito forte com a mandioca, com o guaraná, sobre as lendas... Sobre como surgiu algo.

Irene Machado: É... Então.

x.x.: Acho que falta um olhar semiótico sobre isso.

Irene Machado: Sim. E sobretudo o aprendizado que isso pode levar pra outro campo do seu mundo contemporâneo. Porque também muitas pessoas ficam lá nas lendas, como se elas fossem alguma coisa que não tem nada a ver com o contemporâneo, né?! Porque a lenda é lá das sociedades ancestrais, então não tem nada a ver com o mundo que eu vivo hoje, porque o mundo hoje é a tecnologia. Caramba! Né?! Então essas separações e essas dicotomias são aquilo que nós procuramos eliminar. Eliminar mesmo. Eu sei que é impossível, por isso que a gente fala eliminar. Porque eu sei que é quase que impossível porque já está consolidado esse esquema de composição de pares opositivos. Então pra estudar um, tem que acabar com outro, tem que exterminar. Nós temos uma presença muito marcante da noção de extermínio. Não sei se é por conta da nossa própria tradição histórica, sei lá, mas nós temos uma presença muito marcante. Então pra eu estudar uma coisa, eu tenho que exterminar a outra.

x.x.: Isso tem muito a ver com uma questão que a senhora colocou como uma crítica, né? Que existem muitos trabalhos voltados pra análise de jornal, análise de logomarca, notícias... E achei interessante porque concordei e me levou a refletir sobre isso, e é muito do que a gente tem vivido na faculdade, visto na faculdade. Qual seria então a saída? É olhar esse entorno, os estudos ecossistêmicos?

Irene Machado: Então, em primeiro lugar eu não sou, nunca sou a favor do extermínio, não; acho que está errado. Eu acho que está limitado. É limitado. Então,

“

...em primeiro lugar eu não sou, nunca sou a favor do extermínio, não, acho que está errado. Eu acho que está limitado. É limitado. Então aí o limite, ele se torna obsessivo, todo mundo faz, todo mundo repete, todo mundo vê a mesma coisa...

”

aí o limite, ele se torna obsessivo, todo mundo faz, todo mundo repete, todo mundo vê a mesma coisa, quando na verdade a própria televisão aberta, ela tem outras formas de manifestação.

E veja, e a televisão não é só televisão aberta, são outros canais. Aí você pode falar assim pra mim: “Ah! Mas os outros canais eu dependo de assinatura”, né? porque aí vai envolver um financiamento, vai envolver um pagamento, etc. e tal; concordo com você, mas não importa. Pro estudioso isso não pode ser um limite, porque então a gente não compra livro, a gente não vai ao cinema, a gente não paga o ingresso de show, a gente não vai ao futebol.

x.x.: Nós estamos inseridos em um sistema de pesquisa acadêmica e a gente debateu um pouquinho sobre isso. Estamos em constante descoberta e crescimento. Então, pra gente sistematizar, queria que falasse do geral paro particular. Primeiro que a senhora falasse como está esse estudo da semiótica de forma geral no Brasil e também aqui mesmo na Amazônia e sobre a Amazônia. Ainda mais quando nós temos essa conexão, essa ponte, São Paulo/Manaus, por meio de projeto de pesquisa.

Irene Machado: Em primeiro lugar, o estudo da semiótica ainda é muito teórico. E isso é o que mais, por incrível que pareça, é o que mais distancia as pessoas do estudo de semiótica e ao mesmo tempo é o que mais apaixona aqueles que querem estudar semiótica.

E é muito curioso porque a teoria, ela distancia, porque pra muitos, pra uma grande parte, é preciso ter um instrumental de repertório, precisa assimilar um repertório, né? que ele implica numa dedicação muito grande.

Agora aqueles que se apaixonam, a teoria ela é interessante, ela é atraente, pelo fato de que a pessoa mergulha e realmente desenvolve planos teóricos de conhecimento muito importantes, mas ele fica, ele acaba ficando restrito àquele próprio conteúdo teórico.

E uma das coisas fundamentais que a gente descobriu na Semiótica da Cultura é exatamente a necessidade de fazer um outro caminho, que é o caminho de não somente adquirir uma teoria. Não é a teoria que está em primeiro plano, mas é um pensamento semiótico.

Esse é o primeiro aspecto. É aquilo que define basicamente a nossa atividade. É procurar um pensamento semiótico. O que é esse pensamento semiótico?

Pesquisadora ressaltou importância de lançar um pensamento semiótico ao entorno da Amazônia.

É entender que as coisas, elas se transformam em signos dependendo dos usos que nós fazemos culturalmente delas. As coisas existem, mas elas

“

... nos anos 70 era uma necessidade dizer pras pessoas que existem signos, hoje em dia não é mais necessidade. Tá todo mundo convencido de que existem signos. Agora é preciso compreendê-los...

”

se transformam em signos.

Eu, quando eu planto uma árvore... quando se fala por exemplo, antes de falar em plantar uma árvore, já que eu estou com tanta árvore aqui na minha frente, né?! Mas, quando nós falamos assim: “nós domesticamos as plantas”. O que é esse domesticar? Transformar uma mandioca selvagem, uma mandioca selvagem que eu digo é no sentido de que ela é nociva até para o organismo humano, e transformá-la num produto comestível, né? num alimento que ao invés de nos matar, nos faz crescer, ora, o que é isso? Essa domesticação, que é um dos capítulos mais importantes da teoria do darwinismo, do Darwin. O Darwin estudou muito isso, a domesticação da natureza pelo homem.

Essa domesticação em primeiro lugar cria uma interação, um convívio, e esse convívio tanto beneficia o homem, como pode também beneficiar a própria natureza. Porque ela acaba, veja, ela, a própria mandioca, acaba desenvolvendo habilidade, uma capacidade, além daquela



par a a qua l ela foi pre vista a.

É

co mo nós

, quando criança, fazemos uma coisa, depois a gente vai crescendo e vai multiplicando as nossas habilidades, não é? Ou seja, a mandioca passa a ser um ser, realmente vivo, que age, que tem uma ação. Veja, isso é um pensamento semiótico. Mas esse pensamento semiótico eu atingi, claro que, estudando teoria, mas a teoria não ficou restrita a interpretação dos teóricos, Peirce, Saussure, Greimas, Helmslev, Lótman ou Bakhtin. Não, ela não ficou restrita, eles apenas, eles me deram a mão pra que eu pudesse olhar o meu entorno.

Então, acho que isso ainda tá faltando no Brasil, né? E eu acho que, modéstia a parte, é aquilo que, como a gente sente isso como uma carência, eu acho que é onde nós temos atuado com mais ênfase, né?! Desde os primeiros estudos que começamos a desenvolver.

Eu estudo semiótica desde os anos 1970, e nos anos 1970 era uma necessidade dizer pras pessoas que existem signos, hoje em dia já não existe mais essa necessidade. Tá todo mundo convencido de que existem signos. Agora é preciso compreendê-los, é preciso estudá-los, não basta apenas afirmar.

Então a gente tá em uma outra etapa agora de entender os processos interativos, que é localizar onde que realmente temos signos, na natureza e na cultura, e não tomar a natureza e cultura como um binômio e como uma dicotomia, mas como uma interação, como essa que eu te falei, do exemplo da mandioca. Entende? Então acho que meu trabalho e da Mirna, ele tem muita correspondência nesse sentido, né? Porque temos essa formação semiótica, do ponto de vista das relações culturais e temos essa necessidade de compreender as produções, sejam elas

essas produções que atuam diretamente numa compreensão, numa explicitação do pensamento semiótico, como aquelas que tentam entender também os sistemas culturais, e não somente os sistemas culturais a partir de um determinado ponto, que é aquilo que os meios de comunicação trouxe, né?

Porque nos estudos das artes, a semiótica, ela se direciona muito para os processos criativos, nos estudos da comunicação não são bem os processos criativos, mas são mais as relações do ponto de vista dos meios, dos usos sociais, dos meios. E o problema todo é que os dois ficam separados, quando na verdade eles poderiam trabalhar juntos, né.

Então é isso, mais ou menos, que a gente procura fazer, que na verdade tudo isso são transformações culturais e que demandam uma compreensão semiótica. Difere dos estudos da análise do discurso, primeiro porque o estudo da análise do discurso tem uma origem muito precisa que é maio de 1968, na França. Maio de 1968. E tem uma demanda específica, que é o estudo político de discurso produzido naquele momento. Então, essa origem, ela é fundamental para definir o estudo da análise do discurso, e não adianta negar. É essa filiação.

O nosso trabalho não é o estudo do discurso porque nós não temos exatamente esse compromisso. Por quê? Porque esse compromisso é um compromisso particular.

PARA LER IRENE MACHADO



MACHADO, Irene. **Diagramas**: explorações no pensamento-signo dos espaços culturais. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016. v. 1.

Vieses da Comunicação: explorações de Marshall McLuhan. 1. ed. São Paulo: AnnaBlume, 2014. v. 1.



MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Anna Blume, 2007.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. v. 1.

Nós entendemos que aquilo que nós queremos fazer é uma coisa muito mais ampla do que buscar as relações discursivas. Nós queremos entender os processos de interação, onde quer que eles aconteçam. ■

Entrevista, transcrição de áudio e fotos: dados retirados para inserir após a avaliação.